



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A Americanização Gradativa do Brasil

Rubens Lemes Carneiro Machado

Brasília, 2018

Rubens Lemes Carneiro Machado

A Americanização Gradativa do Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de bacharel/licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

Prof. Dr. André Pereira Leme Lopes

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal

Brasília, 2018

Resumo: O presente trabalho propõe a análise da forma de como se implantou o modo de vida norte-americano como sendo o modelo de meta de vida a ser alcançada pelo brasileiro de forma geral. Focando nos aspectos culturais, econômicos e políticos, apontam-se alguns indícios que provam que a base desta formação de opinião ocorreu no início do século XX, mais precisamente na primeira metade, dominada pelas Grandes Guerras. Por meio dessas análises, buscou-se compreender qual a dimensão do impacto causado em nosso meio social e o quanto nos influencia atualmente.

Palavras-chave: Modo de Vida Americano, Americanização, Cultura do Consumo.

Abstract: The present work proposes an analysis of way how the American way of life was implanted as a model of a life goal to be achieved by the Brazilian in general. Focusing on cultural, economic and political dimensions, some evidences suggests that the basis of this formations of opinion occurred in the early twentieth century, more precisely in the first half dominated by the Great Wars. Through these analyzes we tried to understand the extent of the impact caused in our social environment and how much it influences us actually.

Keywords: American Way of Life, American life style, Consumer Culture.

Sumário

Agradecimentos.....	v
INTRODUÇÃO	1
1. Como eram as relações econômicas	3
Retrato da década de 20 nos Estados Unidos da América, expansão da produção econômica	3
Crise de 29, desigualdade e movimentos sociais grevistas	4
Os Estados Unidos da América e sua postura com os vizinhos ao Sul	6
Enquanto isso ao sul, os Estados Unidos da América vão ganhando representatividade	8
Intervencionismo dos Estados Unidos no Brasil de Vargas.....	11
Argumento da construção dos Estados Unidos como grandes parceiros	12
Fatores que contribuíram para o alcance dos produtos dos Estados Unidos no Brasil	13
Mercado dominado pelos Estados Unidos no pós-segunda guerra	14
Como se deram as negociações para o Brasil se posicionar do lado dos aliados	15
A penetração cultural estadunidense.....	17
Rockefeller atuando nos mais diversos eixos sociais.....	22
Com o fim da Guerra, dá-se também o fim do interesse na América Latina	24
2. A PRODUÇÃO, O CONSUMO E A ECONOMIA.....	25
Uma análise econômica do pós-guerra	25
Nova organização econômica	25
Aumento do consumo	28
Consequências e posteriores ações	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	36

Agradecimentos

Para minha filha Sophie que me deu forças e condições para concluir a graduação em todos os momentos nos quais pensei em desistir; para minha companheira, melhor amiga e esposa Alana, ao qual foi também peça fundamental para a minha permanência na Universidade, sempre com palavras motivadoras me fazia seguir em frente; para meus pais que me deram suporte econômico no momento de maior dificuldade financeira; Um obrigado especial também aos grandes seres humanos docentes desta universidade que compartilharam seus conhecimentos de forma pura e amistosa; Um obrigado aos amigos que fiz ao longo deste curso, muitos destes são para a vida inteira.

INTRODUÇÃO

Por meu desta investigação aponta-se indícios acerca das mudanças na forma de vida econômico-cultural do brasileiro, movimento este mais notável na primeira metade do século XX. Para isso existira a necessidade de tratar, mesmo que brevemente, das grandes corporações que contribuíram de forma direta neste processo de americanização e posteriormente acerca dos modelos de consumo vigentes nos Estados Unidos que foram incorporados.

Este movimento inicialmente é notado nos Estados Unidos da América e em seguida, após uma série de ações predeterminadas que contribuíram para sua propagação, alcança demais países, dentre eles o Brasil, e, o Brasil será em grande parte o objeto desta pesquisa. Mas, há de ressaltar a importância de tratar também da América Latina, pois, encontrou-se, de forma geral, na mesma posição de submissão frente aos Estados Unidos.

Passa-se brevemente também pela política da boa vizinhança que, com objetivos previamente determinados e mapeados colocados em prática com os vizinhos da fronteira a sul. Apresenta-se os pontos positivos e os negativos dessa relação norteada exclusivamente pelos interesses dos EUA.

Traz-se também um pouco da postura contraditória de um Brasil norteado quase exclusivamente pelos anseios de se industrializar que declara Guerra a Alemanha Nazista e manda contingente ao *front* italiano para lutar pela democracia mesmo não estando ele mesmo em um regime democrático. Não havia a capacidade de uma autocrítica para julgar este fato como um tanto descabido.

Será feita também uma análise na relação comercial entre o Brasil e os Estados Unidos, porém, não tão profunda quanto o desejado, já que estes dados, principalmente os de órgãos oficiais, não estão tão facilmente disponíveis.

Trataremos de fazer uma linha entre os atuais padrões capitalistas brasileiros vigentes e a influência que sofremos por parte dos EUA que se iniciou na primeira metade do século XX. Há por último espaço para uma crítica na forma de consumo exacerbado vigente atualmente que nos remete ao período da política da boa vizinhança e a pregação do estilo de vida americano que foi facilmente implantado em solo brasileiro ao ficarmos órfãos dos anteriores sistemas europeus.

Por fim, a escolha por este objeto de pesquisa vem contemplar um desejo antigo de tratar mais profundamente acerca dos Estados Unidos, nação que se sustenta uma relação de amor e ódio pela forma como se impõe no mundo globalizado. Mas sem chegar ao ponto da hipocrisia, pois, todas essas facilidades fruto da inventividade americana torna a vida mais cômoda e é também muito bem-vinda. Busca-se por último fazer uma análise crítica a esta sociedade de consumo que tem seu nascimento neste mesmo período analisado da política da boa vizinhança.

1. Como eram as relações econômicas

Retrato da década de 20 nos Estados Unidos da América, expansão da produção econômica

A Primeira Guerra Mundial é tida por muitos autores, como Hobsbawm (1995), como o fator determinante para os eventos que a sucederam, dentre eles, a ascensão de Hitler ao poder e a eleição de Roosevelt. A crise de 1929 já estava sendo, de certa forma, prevista pelos especialistas em economia da época. Naquele período, já era conhecida do século passado a pouca longevidade dos sistemas econômicos, porém o mundo liberal ainda pôde manter-se firme até o primeiro terço de século.

Segundo Kondratiev (apud Hobsbawm, 1995), o sistema econômico era cíclico e períodos de crises se faziam presentes ocasionalmente, porém, mesmo na crise, não houve queda de crescimento, apenas uma diminuição no ritmo, como mostra Hobsbawm (p. 92, 1994) na seguinte afirmação: “Na maior e mais rica economia da época, os EUA, a taxa média de crescimento do PNB per capita da população entre 1913 e 1938 foi apenas de um modesto 0,8% ao ano”.

Na década de 20 intensifica-se ainda mais as restrições contra a entrada dos imigrantes. Com o controle mais severo e o fluxo de judeus, latinos, orientais, africanos, antes aos seus milhares (algo em torno de 14 milhões nos primeiros 20 anos do século XX)¹, é quase cessada. Com essa grande diversidade presente no país, frutos das imigrações massivas de outrora, a ideia da superioridade racial dos descendentes de saxões protestantes brancos traz, mais uma vez, à tona as ideologias do pós-guerra Civil do século passado e a *Kun Klux Klan* retorna a ser uma entidade expressiva.

Nessa mesma década, conhecida como a Era do Jazz, o índice de desemprego caía em mais da metade, passando de 4,27 milhões, em 1921, para algo em torno de seus 2 milhões, em 1927², e, esse fato faz com que a sociedade, de forma geral, possa consumir. O liberalismo estadunidense e a sua capacidade de produção cria e propagandeia as suas inventividades como sendo quase que essenciais a todo e qualquer americano de classe média, para depois poder pregar esse mesmo ideário no exterior. Isso empurra a indústria local e dá, ao menos, até o ano da Grande Crise da Bolsa de Nova York, em 1929, o *boom* do consumo e também da economia.

¹ ZINN, p. 349, 2005.

² Idem, p. 350, 2005.

Dentre os principais itens fabricados, para facilitar e tornar mais prática a vida dos estadunidenses, estavam os rádios, gramofones, aspiradores de pó, refrigeradores, cinema (permitidos a partir do advento da eletricidade), telefone e, por último, os automóveis Ford. O consumo começa, aos poucos, a ser feito por prazer e não mais por necessidade, cada vez mais são feitas maiores propagandas nos meios de comunicação presentes até então. Essa característica, por si só, faz com que a indústria local dos EUA seja forte, dando a ela uma espécie de autossuficiência interna e menos dependente do mercado estrangeiro. Eles mesmos desenvolvem, fabricam em larga escala e, por fim, consomem. Isso gera um movimento cíclico muito necessário para um constante crescimento que será, ao menos no campo das tentativas, copiado por outros países.

Crise de 29, desigualdade e movimentos sociais grevistas

O emprego e uma qualidade mínima de vida, fator essencial para o trabalhador alcançar a capacidade de consumir, não alcançava a todos, e, 5% da população mais rica detinha cerca de 1/3 de todo o ingresso de renda da sociedade.³ A quebra da Bolsa, em 1929, explicitou a fragilidade do sistema econômico liberal estadunidense e o padrão consumista da sociedade americana foi o grande responsável por essa crise e por mais algumas que se sucederam em menor escala, que não serão objeto de nosso trabalho. A falta de crédito aliada ao não pagamento dos empréstimos fez com que ocorresse um alto nível de produção de itens industrializados sem pessoas com capacidade para consumi-los. Dessa forma, o mercado de consumo, deveras supérfluos, entrou em severa crise. A produção de carros caiu pela metade entre 1929-31 e a de discos para o público majoritariamente mais pobre, o *jazz* quase foi zerado⁴.

Franklin Delano Roosevelt se beneficia da quebra da bolsa de valores de 1929 e vence, por grande diferença, o então Presidente Herbert Hoover que tentava a reeleição, mas ficou marcado por tratar de forma truculenta os desempregados e desamparados do sistema que tomavam as ruas das cidades em busca de inexistentes empregos. O *New Deal* de Roosevelt vem, além de ser um plano com o intuito de estimular a economia, como uma ferramenta de combate às constantes rebeliões, greves e até mesmo uma mais remota chance

³ Ibidem, p. 353, 2005.

⁴ HOBSBAWM, p. 105, 1994.

de revolução⁵. O *New Deal* de Roosevelt não foi a sua totalidade eficaz, pois ao final da década de 30, outra crise, em menor proporção que a 1929, far-se-ia presente.

O berço do liberalismo mundial, país mais desenvolvido neste padrão econômico, mostrou no início do século XX, em grande parte em decorrência da crise de 1929, uma fragilidade a qual dava margem para uma revolução. O país enfrentou uma porção de greves e enfrentamentos do movimento dos trabalhadores que, de certa forma, pouco se trata. Essa pouca atenção talvez ocorra em decorrência de um período breve onde se propiciou o surgimento de movimentos do povo contra o sistema estadunidense⁶. Essa tentativa de levante por parte dos movimentos sociais fora realmente influenciada pelos movimentos presentes nos países socialistas. E, para o governo, esses movimentos não passavam de uma ameaça comunista ao recém criado *American way of life*, ao qual os estadunidenses muito se orgulham.

Claramente, o modelo econômico dos EUA e da Inglaterra havia, de certa forma, evoluído, porém não no mesmo padrão que as formas de seguridade ao trabalhar. Com a chegada da Grande Depressão, muitos trabalhadores perderam seus empregos e, com ela, toda a capacidade de se sustentar financeiramente (Zinn, 2005).

No país mais coberto por um sistema de aporte ao trabalhador desempregado, a Grã-Bretanha, o total de trabalhadores aparados por um sistema previdenciário não chegava aos 60% (Hobsbawm, 1994). Esse evento, em específico, foi tão forte que explicitou a fragilidade econômica presente no capitalismo liberal de então e forçou a implementação de políticas sociais para o trabalhador desempregado. E, para Hobsbawm (1995), onde não houve esse tipo de solução, como foi o caso da Alemanha, os ideais da extrema direita floresceram. E, lembremos, os EUA tratava-se de uma nação imbuída dos mesmos sentimentos norteadores do Nazismo para com os estrangeiros que não fossem descendentes dos saxões e não protestantes.

Para Zinn (2005), a Crise de 29 foi o evento que propiciou o surgimento e fortaleceu, ao longo de alguns poucos anos, os movimentos sociais em busca de melhores condições de trabalho, salários e mais empregos. E, 10 anos depois, a Segunda Guerra Mundial foi o evento responsável por tirar a força desses mesmos movimentos sociais. A antiga falta de empregos acabou com o começo da Guerra, a máquina de Guerra (indústria bélica,

⁵ Movimentos liderados pelos sindicatos dos trabalhadores tomaram as ruas contra a falta de emprego e por mais condições dignas aos trabalhadores. Assim, neste período houve uma real ameaça destes movimentos, influenciados em muito pela revolução bolchevique (ZINN, 2005).

⁶ Movimentos esses tratados tanto na obra de Karnal quanto por Zinn, mas, sempre de forma menos aprofundada.

automotiva, aeronáutica e alimentar) demandava muita mão de obra. Assim, a Guerra foi usada pelos EUA como forma de dar emprego e capacidade de as pessoas voltarem a participar de forma efetiva de sua sociedade de consumo. Essas massas de desempregados, que em muitas vezes compunham as ruas nos manifestos, greves e protestos contra a caótica situação de fome, desabrigo e conflitos, com o emprego tudo se normalizava e a revolução não se fazia mais necessária.

Há de se ressaltar também o pioneirismo notado nesses movimentos. Os grevistas insurgentes da década de 30 foram os primeiros responsáveis a ao menos tentar unir os brancos e negros, pois todos ali se encontravam em situação parecida e lutavam por uma causa comum. Ao cessarem as revoltas e as greves, cessaram também essa proximidade e os negros encontravam-se mais uma vez lutando a sós contra a desigualdade e os segregacionismos da sociedade estadunidense.

A década de 30 foi a responsável por explicitar as fragilidades do sistema liberal estadunidense. Logo após o fim da II Guerra Mundial, nas eleições de 1946, foi eleito um congresso muito conservador, essa eleição irá propiciar o renascimento de um mercado com capacidade de absorver todos esses bens. Porém, esse feito só se deu após a diminuição com gastos públicos, em parte, alcançados com o fim do conflito (Idem, 2005).

Os Estados Unidos da América e sua postura com os vizinhos ao Sul

A Guerra foi também usada pelos Estados Unidos como forma de mudar a imagem construída ao longo dos séculos passados de nação intervencionista⁷ nas questões políticas dos demais países onde detinham interesses. Não é à toa a má fama⁸ dos americanos que Nelson Rockefeller (filho e herdeiro do multimilionário proprietário da *Standard Oil Company*, John D. Rockefeller) tanto combateu ao ficar responsável pela Política da Boa Vizinhação voltada à América Latina.

⁷ Muito desta missão intervencionista estadunidense está relacionada a vontade de propagar a retidão moral baseada nos preceitos protestantes de sua sociedade anglo-saxã frente a, assim entendida então na época, depravação nativa seria fruto da miscigenação racial e católica que tomou conta de suas fronteiras ao sul. (KARNAL, 2008).

⁸ Ao longo dos vinte primeiros anos do século XX, “os EUA intervieram nos assuntos de pelo menos seis países do Hemisfério. Sob William Howard Taft (1919-1913), sucessor de Roosevelt, o intervencionismo norte-americano assumiu uma conotação claramente econômica, ao passo que mais tarde, sob Woodrow Wilson (1913-1921), adquiriu a forma de “imperialismo missionário”: os norte-americanos se reservavam o direito de “esclarecer e elevar povos”, pela força se necessário” (Idem, p. 169, 2008).

Com a entrada dos EUA na Guerra, havia a busca por transformar a imagem, outrora manchada, na nação defensora dos vizinhos incapacitados e mais fracos. Mas, o que mais chama a atenção, é fato de os EUA estarem combatendo, além de discursos racistas, xenófobos, fascistas, nazistas, dentre outros problemas encontrados dentro de seu próprio país. Essa mudança repentina deixou uma forte marca, e houve resistência por parte dos vizinhos ao sul. Havia ainda muito do posicionamento de como pudera aquela nação que outrora intervinha – ajudando belicamente o lado que mais a favoreceria no poder – agora passara a pregar o papel de mais respeito e menos intervencionista. É sabido que essa postura nunca mudaria e nunca mudou, apenas foi amenizada nesse curto período no qual havia fortes interesses com os países ao sul, ao qual a América Latina era um aliado deveras importante. Dessa forma, podemos explicar essa mudança de postura, primeiro pelo forte interesse presente nessa região e, em segundo, na figura de Franklin Delano Roosevelt.

Roosevelt, diferentemente de seu tio Theodore Roosevelt⁹ e de outros líderes americanos anteriores, soube criar uma relação de respeito com os latinos e formalizou acordos mais justos com os vizinhos a ponto de triplicar a quantia de investimentos americanos em solo latino no curto período de 1934-1941 (Purdy, 2008). Porém, com o fim do conflito, ocorreu também o fim desse posicionamento mais amistoso, de maior proximidade e tratamento mais justo, se é que assim pode-se classificar essa relação¹⁰.

Junto com o comandante do programa político em relação aos vizinhos do sul, Rockefeller tentava aos poucos mudar a postura intervencionista para uma no mínimo mais amigável, mais próxima e explicitando os pontos em comuns com os vizinhos, até então, relegados a segundo plano. Durante a política da boa vizinhança a ameaça Ianque encontrava-se momentaneamente em repouso (Karnal, 2008). E, nesse curto período, os EUA não foram totalmente vistos como a hegemônica força bélica disposta a empregar a força caso algo não saísse como planejado, a imagem passada era de um país disposto ao diálogo. Os Estados Unidos já despontavam economicamente e se encontravam com a hegemonia econômica mundial, herdada da Grã-Bretanha no período da Primeira Grande Guerra, mas havia certa relutância por parte dos vizinhos ao sul em aceitá-los como o novo líder.

⁹ Theodore Roosevelt era conhecido por ser duro em seus posicionamentos e geralmente não admitia que seus interesses “fossem contrariados por latinos” (Ibidem, p. 196, 2008), claramente relegados a uma posição em segundo plano em sua administração.

¹⁰ “Antes da Segunda Guerra Mundial, a América Latina absorvia a maior parte desse investimento; depois o Canadá, a Europa Ocidental e outras regiões industrializadas passaram a receber sua parte mais importante. O investimento na produção de matérias-primas e nas indústrias tradicionais era substancial, mais a maior parte do investimento feito no pós-guerra se dirigia para as indústrias avançadas, nas quais ele se concentrava pensadamente em setores industriais como o automobilístico, o químico e o eletrônico. (GILPIN, p. 265, 2002).

A Alemanha de Hitler tomava atitudes muito similares as dos EUA, controlando, por meio de sua influência política, as decisões tomadas pelas outras nações. Essa contradição é em parte similar a encontrada na postura de Vargas e seu regime autoritário em se posicionar próximo aos Estados Unidos em vez da Itália e da Alemanha, já que antes mesmo da guerra havia uma relação de proximidade e admiração por parte do líder brasileiro com os Fascistas. Posteriormente entraremos em mais detalhes nessa questão.

Enquanto isso ao sul, os Estados Unidos da América vão ganhando representatividade

Aos finais do século XIX, um movimento anti-imperialista se formou com o objetivo de unir as repúblicas do Brasil, Argentina e Uruguai, para assim se fortalecerem mutualmente e fazer frente ao poderio estadunidense em constante crescente. Há de ressaltar que esse fato ocorria num momento em que a Argentina detinha um PIB similar ao dos EUA. Com essa união concisa pleiteariam acordos econômicos de forma mais igualitária. O barão do “Rio Branco”, então representante do Brasil em Washington, “pretendia [...] uma associação com os Estados Unidos, em pé de igualdade” (BANDEIRA, p. 169, 1973).

A relação de comercial desigual entre o Brasil *versus* EUA no princípio do século XX era, por incrível que possa parecer, favorável ao Brasil. Por exemplo, no ano de 1902, o Brasil exportou para lá um total de U\$ 79.178.037, frente a importações de U\$ 10,391.130¹¹, ou seja, um superávit de 8 vezes maior que o total importado. Como é de se esperar, os EUA trataram de usar sua influência econômica para fazer com que essa relação ao menos tornasse mais igualitária¹².

A ameaça à taxaço do café brasileiro exportado forçou o Brasil a conceder benefícios alfandegários a diversos produtos, primários e industrializados, provenientes dos EUA. Esse movimento, inicialmente, assegurou uma relação comercial caminhando em direção à igualdade. Mas, é notável que a entrada quase forçada desses produtos industrializados, em detrimento de importações anteriormente derivadas da Europa, inicialmente não foi bem aceita. “A partir de 1919, após a I Grande Guerra, "todo o processo da penetração dos Estados Unidos (...) no Brasil" – como acentua Normano – “ foi um contínuo processo de expulsão e da ocupação das posições europeias e, principalmente, britânicas” (p. 197, 1973). Assim, podemos entender da seguinte forma, antes da consolidação de uma indústria de

¹¹ Historical Statistics, pp. 550 a 553. New York Times, NY, 10.12.1905., apud BANDEIRA. p. 182, 1973.

¹² Declaração recente do Donald Trump, no qual ele se queixa do superávit brasileiro, nos lembra a situação de um século atrás. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2018-10/trump-classifica-relacoes-comerciais-entre-eua-e-brasil-de-injustas>> Acesso em: 30 out 2018.

consumo baseada nos itens provenientes¹³ dos Estados Unidos, eles detinham uma capacidade ainda não apresentada, ou seja, sem a consciência da praticidade, inovação e inventividade, seus produtos não despertavam interesse que passaram a despertar mais recentemente nos demais países.

Há de se ressaltar que o *boom* no consumo e o desejo consumista só se fez presente com as massivas propagandas nos meios de comunicação, o *marketing*. E, os produtos provenientes dos EUA, nessa primeira etapa do século XX, detinham basicamente o mercado em decorrência desses privilégios fiscais que os tornavam competitivos e nada mais. Diferentemente do que ocorrera mais tarde, onde serão consumidos de forma desenfreada, mesmo com seus valores astronômicos.

Somente em 1915, em consequência direta da Primeira Guerra Mundial, os EUA irão superar os países europeus e liderar a importações e exportações para o Brasil. “As importações de produtos americanos passaram de 9.651.305 libras esterlinas, em 1915, para 15.890.605, em 1916, e 21.065.302, em 1917, alcançando, em 1920, a cifra de 51.939.093 libras, contra 27.274.778, da Inglaterra, naquele mesmo ano”. (Ibidem, p. 191, p.1973).

Durante a Primeira Guerra Mundial, o Brasil, presidido por Wenceslau Braz¹⁴, declara Guerra à Alemanha, na época já uma potência em ascensão com muita representatividade no comércio com o Brasil. Esse fato veio acompanhado de um aumento de proximidade entre o Brasil e os EUA proporcionado em decorrência da boa aceitação por parte da classe média e da burguesia brasileira. Essa aproximação foi em sentido contrário a alguns intelectuais da época. “As notícias sobre o racismo dos americanos e suas constantes intervenções no México e em outros países da América Central provocaram, porém, censuras e reservas, que alimentavam os bolsões de resistência” e “[...] muitos escritores, como Lima Barreto, Alberto Torre, Monteiro Lobato e Carlos de Laet, não se conformavam com a nova orientação da política externa brasileira” (Ibidem, p. 200, 1973). Para Lima Barreto, por exemplo, o Brasil estava se corrompendo aos ideais americanos, guiados exclusivamente pelo dinheiro e, além disso, havia o racismo onipresente nos EUA que contribuía para que houvesse uma maior resistência. Outro exemplo foi o posicionamento de Tristão de Athaíde, que era favorável a sermos nós mesmos e a um tratamento de menor absorção para com os EUA. Havia a necessidade de termos autoestima e preservar nossa originalidade como brasileiros (Ibidem, 1973).

¹³ Provenientes não só no sentido de produzido ali, mas também cabe aqui a ideia de o item ter sido planejado pelos estadunidenses.

¹⁴ Neste trabalho optou-se por manter a escrita original dos nomes próprios mesmo em discordância com as normas que regem o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Até aquele momento, o Brasil era mais heterogêneo, claramente notava-se traços culturalmente diversos, mas, majoritariamente, africanos e europeus. Porém, com o fim da Primeira Guerra Mundial, e a hegemonia econômica migrando da Grã-Bretanha para os EUA, migrou-se também, como se nota, a hegemonia cultural, intelectual, política e social. Usava-se a noção que só se obteria êxito caso houvesse uma aceitação do padrão econômico estadunidense “[...] o sucesso no campo econômico tornava necessária uma base sólida no campo ideológico” (TOTA, p. 54, 2000).

A crítica não vinha apenas do exterior, passou a haver questionamentos internos sobre o modo “segregacionista e material-consumista” (Idem, p. 33, 2000) que tomara de conta do pensamento do cidadão estadunidense médio e estava sendo propagado para os demais países. Um nome que se destacou como propagador dessa corrente foi Waldo Frank, novelista, historiador, ativista político, crítico literário e intelectual. Era um defensor ferrenho do papel de maior protagonismo por parte da América Latina e contrário a ser relegado apenas a posição de escudeiro dos Estados Unidos da América. Durante a disseminação da Política da Boa Vizinhança, muitos escritores já haviam tido contato com *frankinianismo*.

Quando os EUA se tornaram o maior exportador de produtos primários brasileiros, deixando a Inglaterra e Alemanha de lado, o Brasil passou também a depender mais do vizinho ao norte. E essa dependência, inicialmente apenas comercial, converter-se-ia nas mais diversas classes sociais, desde cultural, passando pela intelectual, pela tecnológica e, alcançando posteriormente o *American Way of Life*, a dependência em último grau, a total, a dependência material-consumista que Tota (2000) conceitua.

Após a Primeira Grande Guerra, o cinema chega como a grande ferramenta para propagandear a vida nos padrões do exterior, mas, proporcionalmente, erámos alcançando por muito mais películas estadunidenses do que as provenientes de outros países. E, antes mesmo da política da boa vizinhança, esse processo de aproximação e, de certa forma, homogeneização da cultura Latina, aqui em específico a do Brasil, intensifica-se. Com roteiros trazendo resumidamente os mesmos padronizados de forma intrínseca, a luta do bandido com o mocinho, “[...] o *cow-boy*, o *sheriff*, o gangster e o *G-Man*” (BANDEIRA, p. 208, 1973), eram apresentados os padrões éticos, morais e intelectuais da cultura dos EUA. E, ano após anos, a resistência a esse modo de vida ia conseqüentemente diminuindo.

Com isso, iam surgindo interesses até então inexistentes. Por exemplo, o sonho de possuir um automóvel nunca esteve tão próximo quanto no ano de 1923, ano o qual foram

importadas 49.036 unidades, algo próximo a 10% das exportações estadunidenses de veículos frente a 3% de dez anos antes¹⁵.

É preciso também mostrar a importância do *The First National City Bank* na aproximação entre o Brasil e os EUA. Esse banco, logo no início do século XX, ainda antes da Primeira Grande Guerra, foi o responsável pelos empréstimos, antes provenientes da Europa (França e Inglaterra), que, com a crise, passaram a vir da América do Norte (Idem, 1973). A Grã-Bretanha, sofrendo as consequências da Guerra, passa a ser mais dura com os países dependentes de empréstimos, dentre eles, vários países Latinos. Nesse mesmo período, os Estados Unidos passam a se relacionar de forma mais direta com as fronteiras ao sul, assumindo o espaço deixado. Essas ações começam aos poucos a fazer a mudança do foco econômico mundial migrar. Com as dificuldades de transporte e as restrições de comércio com as empresas pertencentes a cidadãos alemães, os EUA tiveram caminho livre para assumir a brecha comercial deixada também pela Europa, incluindo a Alemanha.

Segundo Bandeira (1973), antes da Primeira Guerra, em 1913, os empréstimos tomados com os europeus somavam 504.335.000, já em 1928, o Brasil devia 152.800.000 aos EUA, ou seja, algo próximo a 20% do total montante devido.¹⁶ Quantia essa que só aumentaria com o passar dos anos, aumentando também o vínculo com o novo grande parceiro.

Intervencionismo dos Estados Unidos no Brasil de Vargas

Os Estados Unidos, sob a batuta de Herbert Hoover, usaram toda sua influência e indústria armamentista no intuito de manter o governo brasileiro inalterado, para que houvesse a mudança do poder de Washington Luiz para seu sucessor eleito, Júlio Prestes, de forma pacífica. Era de interesse que os acordos firmados e os privilégios dados aos EUA até então continuassem. Porém, como sabemos, esse esforço foi em vão (Fasto, 1995).

O Governo Provisório de Vargas¹⁷ era tido, pelos EUA, como um regime com características ditatórias, não democráticas, e, representava perigo aos interesses estadunidenses. Vargas, logo de início, “recomendava que se devesse observar o novo entendimento com os Estados Unidos, de um *ponto de vista alto, que ultrapassasse os*

¹⁵ BANDEIRA. p. 208, 1973.

¹⁶ Idem. P. 221. 1973.

¹⁷ Vargas trazia uma proximidade com as massas do proletário e era a favor da constituição de uma classe burguesa local e não tão dependente do exterior, criando e fortalecendo a industrialização nacional e assim levar o Brasil ao papel de protagonismo econômico mundial.

interesses materiais e exprimisse finalidade política de colaboração e cooperação" (VARGAS apud Ibidem, p. 242, 1973). Com esse norte, os EUA não tardaram a intervir, assim como já haviam feito anteriormente, em diversos países vizinhos (Cuba, Nicarágua, Colômbia, Panamá, Peru, entre outros¹⁸), pois, esse posicionamento representava, de certa forma, uma ameaça aos interesses estadunidenses.

Com a política da boa vizinhança, os EUA não mudaram apenas sua postura, houve a retroação de acordos posteriormente firmados onde se visou torná-los mais justos para com os vizinhos. Bolívia e Brasil tiveram juros abusivos de empréstimos anteriormente formalizados baixados para taxas mais coerentes (Ibidem, 1973). Porém, mesmo assim, o Brasil teve dificuldades em cumprir esses acordos, pois o café, responsável por mais da metade das exportações do país no entreguerras, viu sua participação no mercado despencar para a quantia 42% das exportações no ano de 1937¹⁹. Reflexo direto ainda da crise que assolava o mundo após o *Crack* da bolsa de Nova York.

Argumento da construção dos Estados Unidos como grandes parceiros

Foi no período do Entreguerras que os EUA adquiriram e mantiveram a relação de importante parceiro comercial com o Brasil que detém até os dias atuais. No cenário de escassez de itens provenientes da Europa, ainda se recuperando do efeito devastador da Guerra, surge os Estados Unidos como a grande saída para não haver a falta de itens industrializados.

Houve ainda um tratamento fiscal benéfico aos itens provenientes da América do Norte. “As exportações americanas para o Brasil saltaram de 29.728.000 dólares, em 1935, para 40.375.000, em 1934, 43.618.000, em 1935, 49.019.000, em 1936, e 68.631.000, em 1937” (BANDEIRA, p. 248, 1973). Dois fatores influenciaram em muito aos estadunidenses ocuparam papel tão relevantes principalmente se tratando em relação aos brasileiros. A Primeira Grande Guerra tira o papel de grande produtor de manufaturados da Europa, e, rapidamente, esse espaço é preenchido pelos EUA, que se impuseram à força ali, negociando favorecimentos e isenções de taxas aos seus produtos. Mesmo, de certa forma, seus produtos sendo inferiores no quesito qualidade e ainda não havendo uma aceitação unânime por parte

¹⁸ Ao longo dos primeiros trinta e três anos do século XX, os Estados Unidos interviram “quatro vezes em Cuba, duas na Nicarágua, seis no Panamá, uma na Guatemala e sete em Honduras. Em 1924, os Estados Unidos estavam dirigindo de alguma forma as finanças da metade dos 20 Estados latino-americanos. Até 1935, mais da metade das exportações americanas de aço e algodão eram vendidas na América Latina” (ZINN, p. 377, 2005).

¹⁹ Ibidem. P. 248, 1973.

dos brasileiros, que só ocorre posteriormente com a propaganda em massa, os EUA conseguem aos poucos se estabelecer.

Fatores que contribuíram para o alcance dos produtos dos Estados Unidos no Brasil

Na véspera e ainda durante algum período da Segunda Guerra Mundial, o Brasil manteve relações com a Alemanha a fim de angariar apoio e finalmente dar o pontapé inicial para uma produção industrial nacional, com a criação da indústria siderúrgica nacional. Esse projeto de nacional desenvolvimentismo coloca Vargas numa situação de vanguardismo. Podemos dizer que ele foi o primeiro líder detentor de um plano coerente de industrialização desenvolvimentista para o país (Fausto, 1995).

Vargas chegou a ter um projeto de industrialização germânico em mãos, mas se colocado em prática, faria os EUA tomarem alguma atitude radical. E, no caso, se o Brasil optasse por fechar esse acordo com os alemães, a guerra, de uma forma ou de outra, logo alcançaria o país. Existia uma suposta ameaça de invasão do Brasil por parte do Eixo, com ajuda dos simpatizantes argentinos, chilenos e das colônias europeias do sul do Brasil. Somente em 1939, com o conflito já iniciado, os EUA se mostram dispostos a financiar uma indústria siderúrgica nacional. E, diante desse fato, Vargas posiciona-se em favor de uma neutralidade, o que foi recebido pelos estadunidenses como um ato hostil. Essa firmeza foi o que garantiu melhores condições e, de certa forma, uma maior autonomia industrial para o país, pois, os Estados Unidos não estavam dispostos, inicialmente, de forma nenhuma a financiar um projeto que posteriormente não teriam participação em ganhos futuros. Havia, primeiramente, uma guerra de interesses comerciais e paralela a ela o conflito bélico. Vargas fez tudo ao seu alcance e forçou uma industrialização inicial do país, usando recursos estrangeiros, contra a vontade dos trustes das empresas americanas dominantes nos seguimentos. Há de se dar os devidos méritos ao então presidente.

O Brasil desse período flertava tanto com o Eixo quanto com os Aliados (os EUA em grande parte), basicamente ia em busca de quem lhe fornecesse as melhores condições para a implementação dos planos de desenvolvimento industrial aos quais Vargas tinha para o país. Porém, “Apesar da aproximação com os países do Eixo, as relações entre o Brasil e os Estados Unidos cada vez mais se estreitavam” (Bandeira, p. 254, 1973). Mas, cabe o questionamento de como Vargas mantivera essas duas posições ambíguas, mantendo tanto proximidade com os EUA, quanto com os países do Eixo (em especial a Alemanha), nos quais o Brasil exportou itens primários necessários para a indústria bélica até o ano de 1942

quando por interesse e acordos com os EUA, essa relação finalmente cessaria. Em parte, a presença de comunidades italianas, japonesas e alemãs tornava esse rompimento de relações econômicas um tanto mais complicado. Vargas, aproveitou, até o último momento, os benefícios de manter relações com o Eixo e os Aliados e negociou com ambos pelo tempo máximo que pode.

Apesar de seu regime assemelhar em muito ao Reich alemão, ao fascismo italiano e ao totalitarismo de forma geral, a proximidade dos Estados Unidos, tanto regionalmente falando quanto cada vez mais economicamente, aliado também à perda da força das anteriores potências, forçaram Vargas a se posicionar de um lado do conflito. Havia um forte desejo velado para se manter neutro, tanto que a decisão de posicionamento foi protelada até o último momento. Assim, o Brasil, que enfrentava um regime totalitarista muito próximo dos moldes do Eixo europeu, manda combatentes ao *front* europeu para combater os regimes aos quais se assemelhava muito e claramente havia baseado em alguns aspectos. As pressões por parte opinião pública logo chegariam a essa mesma conclusão e passaria a questionar a posição ambígua.

O governo de Vargas era uma mistura de tudo o que mais lhe convinha puxando um pouco mais para o lado do fascismo. Em carta de Oswaldo Aranha dirigida a Vargas, em 1937, ele sintetiza acerca das ações do então Governo: “Umam eram liberais, como a do café e a do câmbio, outra comunista, com a das dívidas, outras fascistas, como a de uma organização corporativa da produção, e outras nacionalistas, quase xenófobas, como a dos bancos, seguros, minas, etc.” (Aranha apud Bandeira, p. 257, 1973). Por exemplo, por meio do DIP, o Departamento de Imprensa, o Estado Novo de Vargas censurava, assim como os regimes totalitários, o que era classificado pelo órgão como contrário ao governo.

Mercado dominado pelos Estados Unidos no pós-segunda guerra

Desde o ano de 1913, os EUA detinham a hegemonia mundial e as Grandes Guerras mundiais, de certa forma, serviram apenas para impulsioná-los ainda mais. A Primeira Guerra Mundial propiciou e, de certa forma, deu o terreno para os Estados Unidos crescerem frente a uma esfacelada Grã-Bretanha, já a Segunda Grande Guerra formalizou o protagonismo da economia mundial aos EUA de uma vez por todas, até os dias atuais. De acordo com Zinn, uma equipe profissional de diplomatas e empresários cuidou minuciosamente para haver uma inserção dos EUA em mercados até então não dominados pelos americanos, como foi o caso do mercado do Oriente Médio e Ásia. Sendo assim, a Guerra foi usada pelas forças aliadas

como forma de reafirmar o liberalismo e como uma forma de economia bem-sucedida a ser seguida como padrão.

Ao fim do conflito, a economia ia a pleno vapor, havia emprego com bons salários, capacidade de consumo e não se faziam mais necessários os movimentos grevistas de outrora, estava tudo sob controle do governo. Havia por parte das grandes indústrias o desejo para se continuar a produção num ritmo de Guerra (Galbraith, 1972), e, em resposta a esse desejo, as autoridades estadunidenses, agora sob a liderança de Truman, irão se esforçar para manter um clima hostil de conflito, mesmo que de forma apenas psicológica. E, força esse ambiente de eminente conflito com a União Soviética e a onipresente ameaça do Comunismo Internacional visando à dominação mundial explicitada em: “Con una sene de maniobras, tanto en el extranjero como en el país, estableció un clima de miedo, una histeria con respecto al comunismo, que haría aumentar enormemente el presupuesto militar y estimularía la economía con pedidos relacionados con la guerra” (ZINN, p. 393, 2005).

Como se deram as negociações para o Brasil se posicionar do lado dos aliados

Havia constantes ameaças provenientes dos oficiais estadunidenses acerca de uma possível invasão ao norte e nordeste brasileiros, locais estratégicos para se montar uma base militar, em decorrência de sua maior proximidade do continente africano e também do europeu. Esse fato em muito contribuía para o aumento da tensão já existente. Mas, de uma forma ou de outra, os EUA sabiam que a deflagração de outro conflito paralelo ao já em processo, na Europa, Ásia, África e na Oceania, não era de forma alguma uma boa opção (Bandeira, 1973). E, a resistência de Vargas fez frente a estes interesses, ao menos de forma inicial. Posteriormente houve a autorização para a construção e utilização de bases militares dos EUA em solo brasileiro, Vargas, em contrapartida, recebeu empréstimos e pode armar o Exército e a Marinha.

Ainda nesse período, fazia-se presente uma ameaça de invasão do território brasileiro também por parte da Alemanha, quando a sua expansão alcançasse a Portugal, tanto por parte dos EUA, caso o país se mantivesse neutro e não colaborasse fornecendo condições, o espaço requerido e matéria-prima para os EUA. Diante das conquistas alcançadas por Vargas com os Estados Unidos (empréstimos e fornecimento de armamentos), o então presidente retardou o quanto pôde a tomada de partido, e, somente em 1942, rompeu relações com a Alemanha nazista. Havia aqueles que, como o líder português Oliveira Salazar, ainda se esforçaram para manter o Brasil no mínimo neutro, mas em vão. A presença de militares dos Estados Unidos

em solo brasileiro não era, em geral, bem vista pelo alto comando brasileiro, mas, diante da situação, teve de ser aceita (Idem, 1973). Porém, naquele momento, com a ampliação do conflito, o Brasil não mais pudera permanecer neutro.

O Estado Novo de Vargas resistiu ao imperialismo estadunidense o quanto pôde e, em parte, foi essa firmeza que tornou as relações mais justas para o Brasil. Regionalmente havia uma tensão entre o Brasil e a Argentina. Enquanto o Brasil estava mais próximo aos EUA, a Argentina encontrava-se mais próxima à Alemanha Nazista. Em boa parte dos países latinos havia uma resistência ao imperialismo americano, o Brasil aliava-se a contragosto inicial de Vargas, mas ao menos conseguia tirar proveito dessa relação.

Há de se trazer também a versão mais especulativa de que a entrada do Brasil no conflito se deu como uma forma de armar o país para resistir a uma possível invasão ao território brasileiro por parte dos vizinhos argentinos. Devemos lembrar o posicionamento de proximidade da Argentina com a Alemanha que durante todo o conflito se manteve inalterado.

A relação entre o Brasil e a Argentina -se nesse período pré-guerra encontrava-se tensa, e, prolongar-se-ia até o fim da Segunda Guerra Mundial, período no qual sempre houve, para alguns autores, a ameaça de o conflito se tornar beligerante. É sabido que esta invasão nunca se formalizou, porém, há alguns indícios de que uma resistência ao imperialismo ianque pudesse levar os argentinos a alguma atitude mais severa. Mais tarde, após o término do conflito, o periódico Diário Carioca, do dia 10 de fevereiro de 1946 (lançado aproximadamente cinco meses após o fim da Segunda Guerra Mundial), vem, por meio de uma nota oficial do Encarregado de Negócios da Argentina, desmentir os rumores de que a Argentina chegou um dia a representar uma ameaça real aos seus vizinhos do sul, de que algum dia se armou com este objetivo e muito menos de que estava aliada com as forças do Eixo.

“[...] as ações segundo as quais a Argentina é “nazi-fascista” ou que tem projetos “imperialistas” para restabelecer domínio do Rio da Prata Luti nega também que a Argentina são um perigo para os países vizinhos. [...]”

No exterior se apresenta o governo argentino como de caráter nazi-fascista, não obstante ninguém, fora ou dentro do país, possa citar a supressão da liberdade de imprensa, parlamento ou obrigação de um só partido, ***, que são as características do totalitarismo para acusação é inconcebível diante propósito de restaurar a ordem constitucional mediante eleições livres e imediatas²⁰.

Acusa-se também o governo, e particularmente os militares argentinos, de constituírem um perigo para a América ela tentativa de restabelecer o vice-reinado

²⁰ O país em 1946 em meio a um conturbado processo eleitoral que culminaria no primeiro dos três mandatos de Juan Domingo Perón.

do Rio da Prata e pela existência de projetos imperialistas. A conduta fraternal do país desmente tão absurdas e ridículas acusações. Todos os esforços para supor as dificuldades judiciais quanto á expulsão de indesejáveis, liquidação de propriedade inimiga são desconhecidos e desnaturalizados apesar de realizar-se um trabalho em imediata colaboração com as embaixadas americanas e inglesa. Desconhece-se e se nega finalmente o legal e absoluto compromisso internacional não obstante a preocupação do governo a este respeito”²¹.

Por meio dessa nota, a Argentina tenta justificar seu posicionamento. São trazidas algumas ações foram tomadas durante o conflito que a colocariam também combatente dos regimes totalitários. Mas, chama atenção toda essa preocupação do país em se mostrar ao lado dos vitoriosos por meio de palavras e não de ações, como fora cobrado durante o conflito. A Argentina foi o último país a declarar Guerra à Alemanha totalitária (somente no desfecho do conflito, quando a derrota da Alemanha era claramente iminente, em março de 1945), e ainda, só o fez para poder manter relações com o recém criado FMI (Fundo Monetário Internacional). Aproveitando-se desse contexto, o Brasil aproxima-se dos EUA e angaria aos poucos a posição destaque regional antes dada à vizinha Argentina.

A ameaça do Eixo em solo latino nunca foi de forma totalmente explícita. Mesmo na Argentina, onde encontrou maior aceitação quando se comparada aos demais países latinos, sua presença se fez de forma mais velada. Havia um cuidado em demonstrar o apoio aos países do Eixo. Segundo Tota (2000), um dos indícios de quais seriam os planos das forças do eixo lideradas pela Alemanha para o continente, em especial para o Brasil está na obra de Otto R. Tannenberg, autor de *Gross Deutschland die Arbeit des XX Jahrhundert*. No qual o autor prega a necessidade da composição de um Estado germânico na parte meridional do Brasil. Já, na década de 30, foi Hermann Rauschning, membro do Partido Nacional-Socialista, quem exteriorizou uma ideia similar sobre a constituição de um Estado Germânico em solo americano. Esse novo estado Alemão iria aos poucos dominar a região, dando a entender que os mestiços locais seriam dominados. Mas, há de frisar o modo como ocorreria a formação desse novo Estado. Seria de forma tênue, sem o emprego de armas.

A penetração cultural estadunidense

A chegada cultural dos EUA no Brasil ocorreu por meio de *modis operandis* muito bem estudado e premeditado. De forma que os resultados obtidos já estavam teoricamente

²¹ Autor desconhecido. Invasão do Brasil pela Argentina. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1946. Página 1 da 2ª seção. Disponível em: < http://memoria.bn.br/DocReader/093092_03/23563> Acessado em: 11 nov 2018.

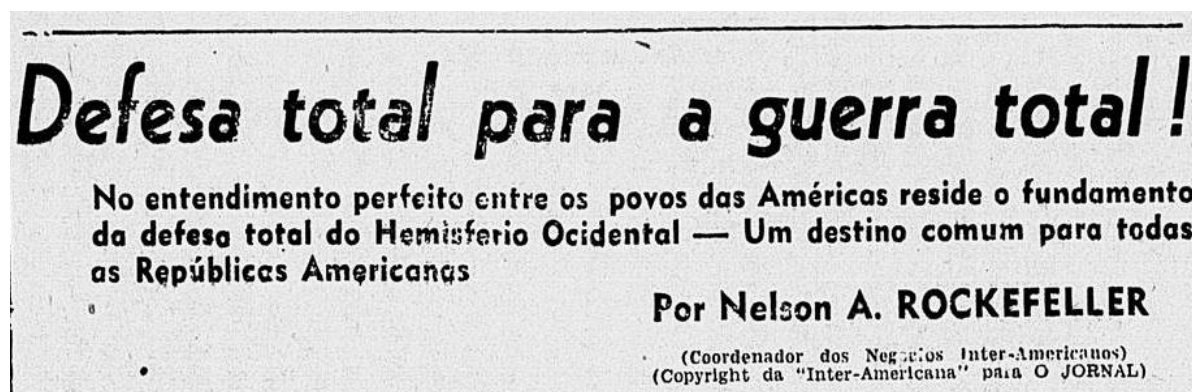
mapeados. O Brasil aderiu de forma intensa a essa mudança²². O país parecia se encontrar sedento por uma identidade cultural, e a identidade dos EUA apareceu em momento oportuno, de clara transição. Dentro da Política de Boa Vizinhança, na qual inicialmente focava o teor econômico favorecendo os produtos do continente tudo isso de forma justa, havia o setor que ficaria a cargo das questões culturais. Junto com essa maior proximidade comercial, chegou uma série de itens, desde os refrigerantes até as gomas de mascar. Aliado a isso, houve ainda interesses em descobrir o que havia de proveitoso (em se tratando de recursos naturais) nas inúmeras regiões pouco ou mesmo nem exploradas, dentre elas, a Amazônia. O setor do *Office*, responsável por essa função, era o *Agricultural and mineral technical advisory service*.

A intelectualidade brasileira logo percebeu que esse movimento estava sendo injusto. E, surgiram os ataques frequentes por meio de seus meios de produção, sejam os poemas, os contos ou mesmo as histórias. A população brasileira tratada de uma forma quase homogênea pelo sistema estadunidense. Como se tudo o que estivesse ao Sul fosse algo coeso e único. Prova disso são as obras cinematográficas, dentre elas as quais Carmén Miranda e Disney participaram, seja na produção seja como protagonistas (Idem, 2000).

Em 1940 foi criado *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the Americas*, que um ano depois se tornaria a *The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), sob o gerenciamento de Nelson Rockefeller, que usou de todas as ferramentas a sua disposição (o poder do dinheiro e a influência) para se fazer escolhido. Lembremos que ao assumir essa função, ele tinha pouco mais de 30 anos e pouca experiência, mas no geral, obteria êxito em sua função. Esse escritório duraria até pouco depois do fim da Guerra, em 1946. O laboratório político de Roosevelt visava, dentre outros fatores, a diminuição da presença e influência do Eixo, e em geral da Europa, em solo latino americano, frente a uma maior participação política, cultural e econômica dos EUA na região. Sabia-se que caso houvesse uma dependência econômica por parte das nações vizinhas, ela posteriormente se tornaria uma dependência nos mais diversos ramos sociais. Dentre eles o cultural, social e o sanitário. Havia também por parte do escritório o intuito de se combater também um evidente sentimento antiamericano presente de antemão nos latinos de forma geral, dentre eles, em muitos brasileiros.

²² Tirando uma parcela menor, a elite brasileira mais especificamente, ainda mantinha uma relação de proximidade a França e aos costumes europeus. Continuou consumindo literatura, arte e cultura majoritariamente proveniente da Europa.

Toda e qualquer atitude tomada pelos estadunidenses era anunciada nos periódicos da época. Havia a necessidade constante de se fazer presente. As manchetes estampavam frequentemente em primeira página o nome de Rockefeller e sua missão como diretor do escritório. Estavam presentes de forma explícita os seus objetivos. A aproximação, muitas vezes forçada entre os Estados Unidos da América e demais países ao sul, dentre eles o Brasil. Era noticiada a publicação de guias de turismo que visava influenciar visita aos países ao sul, espécie de intercâmbio acadêmico para capacitar estudantes latinos, as novas lâminas de barbear da recém-chegada *Gillete-Tech*, eletrodomésticos da *General-Eletro*, mesmo que ainda indisponíveis no Brasil²³ (Ibidem, 2000). Pregava-se nestas notícias o argumento de que um continente unido em prol da luta contra o autoritarismo era forte e conseguiria resistir. Por exemplo, em uma das publicações encontramos o seguinte:



ROCKEFELLER, Nelson A. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1942. Página 1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/110523_04/9840> Acesso em: 11 nov 2018.

Tendo seu nome citado mais de uma vez por mês em média entre os anos de 1940-45 (isso apenas no periódico carioca *O Jornal*), Rockefeller conseguiu se fazer conhecido pelos brasileiros antes mesmo de sua vinda ao país, no ano de 1942²⁴. O governo estadunidense, por meio do escritório, tratou de financiar também toda forma de cultura que combatia os ideais totalitários e não só o cinema, como vemos predominantemente. Ao ponto que investia-se em sessões de cinema populares para fazer as produções alcançarem o máximo de pessoas.

A forma de abordagem dos Estados Unidos com os vizinhos latinos não era nada velada, mas sim, da forma mais explícita possível. A luta por ganhar o apoio da opinião pública viria por bem ou por mal. Mas, evidentemente, iria vir por bem, pois, logo as

²³ Propagandas mantidas a pedido do escritório de Rockefeller e assim manter-se o financiamento das propagandas mesmo em tempo de crise ampliada pela Guerra.

²⁴ Analisamos os seguintes periódicos *O Jornal* (RJ), *Correio da Manhã* (RJ) e *A Noite* (RJ), todos de grande circulação na então capital.

bugigangas provenientes do norte acabariam conquistando seu espaço no gosto do brasileiro médio.

O *Office* tinha mais força em dois meios de comunicação, o cinema e o rádio²⁵. O departamento de cinema (o *Motion Picture Division*), dirigido por John Hay Whitney, amigo e também milionário assim como Rockefeller, contava, já em 1942, com personagens de renome que deram a cara às produções do período, eram eles Walt Disney, Orson Welles e também Carmen Miranda. Houve um movimento de busca por uma maior realidade ao tratar do povo latino. Antes disso, havia o hábito de tratar de forma quase sempre caricata dos latinos em geral. Como se a América Latina fosse uma área homogênea, em geral. Em *South American Way* (Serenata Tropical), primeiro trabalho em Hollywood de Carmen Miranda, produzido por Darryl Zanuck, houve uma mistura tão inusitada de características locais de todo o continente que o resultado da obra foi o oposto do esperado (Ibidem, 2000).

Rockefeller não tardou ao enviar Disney e Whitney ao sul dos Estados Unidos numa tentativa de entender mais profundamente os costumes do povo e, assim, representá-los de forma mais fiel. Essas produções que combatiam a ideologia do Eixo foram muito estimuladas e apareceram diversas, dentre elas, curtas, cinejornais, animações etc. Porém, eram uma espécie de investimento em longo prazo. O Brasil, por exemplo, não se encontrava em condições financeiras de poder desfrutar e consumir os produtos que compunham o modo de vida americano até então. Primeiro, pois havia escassez em decorrência da guerra, segundo, pois o país ainda não havia se recuperado de forma plena das crises e da nova estrutura econômica que se montava (Ibidem, 2000).

Em uma dessas vindas para explorar e produzir algo com a cara do Brasil, o cineasta Orson Welles veio, em 1942, para produzir algo verdadeiramente próximo à realidade brasileira. Dizem as fontes, que, nessa passagem pelo Brasil, fez de tudo um pouco (dentre dezenas de festas até mesmo a festividade em comemoração ao aniversário de Vargas frequentou). Welles passaria cinco meses em solo brasileiro nesse misto de arruaça com bagunça produzindo uma obra com o intuito de propagandear de forma favorável a imagem brasileira²⁶. Porém, num episódio em específico, gravando *It's all true* (É tudo verdade, em tradução literal, já que a obra nunca chegou a ser oficialmente lançada), no Estado do Ceará ocorreu a morte de um conhecido líder pescador e jangadeiro, Manuel Olímpio Moura,

²⁵ TOTA, 2000, p. 61.

²⁶ BALTHAZAR, Ricardo. As filmagens (e a farra) de Orson Welles no Carnaval de 1942. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/02/as-filmagens-e-a-farra-de-orson-welles-no-carnaval-de-1942.shtml>> Acesso em: 16 ago 2018.

conhecido por ter feito o trajeto do Ceará ao Rio de Janeiro²⁷. O resultado do trabalho de Orson de nada serviu para os interesses do *Office* nos EUA. Ele seguiu o rumo contrário e mostrou todas as mazelas locais (favelas, falta de moradia, inacessibilidade de um sistema de previdência, exploração infantil, falta de saneamento etc.), algo que de forma alguma seria aproveitado pelos veículos estadunidenses que buscavam fortalecer e aproximar as nações.

Assim como a sucursal do cinema, a do rádio seguia um padrão próximo. Detentora de autônoma encomendava os programas que seriam veiculados na América Latina de diferentes estúdios estadunidenses.

Porém, há de se observar o vazio existente em solo latino por parte da mídia radiofônica dos EUA. Apenas com o começo da Segunda Guerra o mercado latino passou a chamar a atenção. Mas, não como forma de um potencial mercado consumidor, e sim como forma de defender os interesses dos Estados Unidos mantendo afastadas as ideologias das forças do Eixo, “[...] havia o objetivo de convencer os países latino-americanos de que o verdadeiro propósito dos Estados Unidos na América Latina era criar e não explorar” (Ibidem, 2000, p.75).

A batalha dos meios de comunicação de ondas curtas para América Latina fez com que dois dos grandes veículos de comunicação dos EUA, a CBS (*Columbia Broadcasting System*) e NBC (*National Broadcasting Company*), juntassem as forças em um interesse comum, vencer o Eixo. Esse acordo se deu única e exclusivamente pela influência de Nelson Rockefeller. Vargas passou a ajudar no esforço radiofônico cedendo inclusive uma parcela da Hora do Brasil e alguns funcionários do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) para a transmissão de notícias de interesse dos EUA. Essas notícias tinham como objetivo apresentar ao maior público possível “as potencialidades dos americanos de resistirem, material e moralmente, ao avanço do Eixo.” (Ibidem, p. 77, 2000).

No quesito cultural, ficava a cargo da Divisão de Imprensa e Publicações, liderada inicialmente por John M. Clark (ex *Washington Post*) e posteriormente por Francis A. Jamieson (*Associated Press*), do *Office* de Nelson Rockefeller os seguintes objetivos: “a) difundir “informações” positivas sobre os Estados Unidos, por intermédio de uma rede de comunicações mantida pelo OCIAA, em estreita colaboração com os países do continente; b) contra-atacar a propaganda do Eixo”. (Ibidem, p. 55, 2000).

²⁷ YODA, Carlos Gustavo. É tudo verdade em “Cidadão Jacaré”. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/e-tudo-verdade-em-Cidadao-Jacare-/12/10980>> Acesso em: 16 ago 2018.

A informação produzida pela agência de Rockefeller e veiculada em solo latino tinha, como objetivo, explicitar as vantagens de seguir o modelo liberal-capitalista estadunidense em detrimento dos modelos totalitários fascistas ou mesmo nazifascistas. Porém, houve toda uma preocupação para que essas informações ocorressem de formas não tão explícitas. Hoje, ao investigarmos os períodos da época, é totalmente explícita a propaganda em prol dos Estados Unidos, além de o Grande Irmão ao norte ser objeto frequente de reportagens positivas, nas quais a proximidade entre nosso país e o deles são sempre exaltadas e afins.

Essas diversas formas de aproximação cultural (cinematográfica, jornalística, teatral etc), veiculadas nesse período, paga com dinheiro dos próprios EUA, tinha teor quase totalmente político-comercial. Tratava-se de uma maneira de vender a forma de vida do cidadão estadunidense, com suas inúmeras funcionalidades e praticidades do dia-a-dia, “vendia-se o sistema” (Ibidem, p. 57, 2000) de vida americana como forma de combater as políticas do Eixo. E, caso o subcontinente latino permanecesse do lado dos EUA, contribuindo no esforço de guerra de diversas formas (desde matérias-primas naturais como a borracha, o quartzo etc. até com a mão de obra nessa exploração) essas nações seriam posteriormente recompensadas com o advento dessas facilidades.

O Brasil, até 1930, havia bebido de diversas fontes, mas não só no campo cultural. Estamos *a priori*, mais próximos dos europeus. Seja na arquitetura, nas formas beligerantes, era nítida a influência, e, foi nela onde o escritório comandado por Rockefeller tratou de focar. Houve como objetivo trazer os pensamentos militares aos moldes dos estadunidenses em detrimento dos germânicos e franceses.

Rockefeller atuando nos mais diversos eixos sociais

Ao criar uma divisão no *Office* voltada especificamente para a saúde, os EUA faziam de sua presença em território brasileiro, mesmo o foco estando nos interesses políticos, uma verdadeira beneficência ao país. Com profissionais capacitados responsáveis por ensinar e supervisionar as formas de como prevenir, tratar e cuidar dos casos de malária, esse era um dos pontos positivos dessa penetração social. Além disso, houve também a capacitação nos mais diversos campos do saber dos profissionais brasileiros. Formaram-se lá engenheiros, médicos, agrônomos, e tudo mais que aqui se fazia necessário.

Rockefeller tratou de apoiar o combate a doenças (malária e febre amarela, por exemplo) que afligiam vários países ao sul, de certa forma, Rockefeller parecia destoar do restante da sua família. Já nesse período, mostrava ter uma consciência mais humanitária.

Suas ações pela América Latina deram-se de uma forma abrangente e humana, ia desde anseios pela arte, questões humanitárias até em estabelecer laços culturais artísticos aparentemente verdadeiros e não só guiados pelo interesse de sua agência.

O contato com esses profissionais e essas, então, modernas técnicas de saúde, agricultura, formas de criar uma comunicação etc., foi responsável por certa modernização em todos os âmbitos no país. Apesar de estar sempre em busca de objetivos pré-determinados, o estabelecimento e as ações do *Office*, mesmo num curto espaço de apenas seis anos, contribuíram em muito para mudar a mentalidade da administração brasileira e, assim, num longo prazo, influenciar mudanças significativas no país.

Vargas, apesar de resistente a maciça presença estrangeira em solo brasileiro, conseguiu usufruir muito bem desse compartilhamento de conhecimento que ocorreu. Nesse mesmo período, criou o que podemos chamar de a “base fundamental da industrialização brasileira” (MOURA, p. 58, 1984), a indústria siderúrgica de Volta Redonda, além dela, foi criada mais uma série de empresas nacionais e tornar o país, ao menos um pouco, menos dependente do exterior.

No quesito militar, o Brasil também pode se aproveitar da situação beligerante que tomou o mundo em Guerra. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, após o grande financiamento adquirido com os EUA, que deu ao país a condição de conseguir milhões em armamentos, o submerge no pós-Guerra como a grande potência bélica sul-americana²⁸. Ou seja, ele passa de uma segunda ou talvez até terceira posição, atrás de Argentina e Chile para a primeira. O Brasil detinha as mais modernas técnicas de combate, armamentos e, mesmo curta, mas válida, experiência em campo de batalha conquistada com a FEB (Força Expedicionária Brasileira), (Bandeira, 1973).

Mesmo com o fim do bureau responsável pela aproximação em todos os sentidos entre os países da América, em 1946, Rockefeller deu continuidade ao seu trabalho com a criação própria do *International Association for Economic and Social Development* (AIA). Esse novo escritório ficaria a cargo das mesmas funções que outrora pertenciam ao *The Office*, porém agora, sem a presença do Governo estadunidense. Com forte proximidade do Brasil com os Estados Unidos, nos mais diversos campos, houve por parte da liderança brasileira a ideia de que o Brasil era um parceiro privilegiado frente aos demais vizinhos, mas, apenas no campo das aparências.

²⁸ A princípio tardou um pouco mais para superar a decadente Argentina economicamente falando, mas em meados das décadas de 60/70 o Brasil assume a liderança econômica regional.

Com o fim da Guerra, dá-se também o fim do interesse na América Latina

Os países ao sul deixaram de ser prioridades nas relações com o fim da Segunda Guerra Mundial. Os interesses mudaram com a derrota do Eixo. Mas, já havia de certa forma enraizada na mentalidade do brasileiro a busca pelo modo de vida americano como a vida dos sonhos.

A figura de Nelson A. Rockefeller continuaria sendo por mais um ano responsável pela agência de informações ao sul da fronteira estadunidense. Os interesses e a intensidade da propagação de informações pró Estados Unidos diminuiriam, mas não cessaram, pois havia agora a ameaça comunista e a Guerra Fria. O Brasil não resistiu de forma alguma ao bombardeio de informações visando vender o modo de vida americano, abriu literalmente as portas aos Ianques. Porém, quando requisitou a sua ajuda para pleitear uma vaga e compor o Conselho de Segurança da ONU, não obtiveram o suporte necessário. Infelizmente, constatou-se que a influência do Brasil em cenário mundial era, e é mínima, e, limita-se basicamente a fatores decorrentes ao tamanho de seu território. Sempre relegados a um segundo plano, e, no momento de certo protagonismo continental foi apenas em decorrência de interesses em sua capacidade produção e nada mais.

Agora, o foco eram os ideais socialistas. Na primeira metade dos anos 50, havia os programas de rádio com locutores como Al Neto (Editor de rádio da Embaixada dos Estados Unidos no estado do Rio de Janeiro, guiado pelo *United States Information Service* da *United States Information Agency* (órgão criado com o fim da Guerra). No qual atacavam-se as práticas socialistas (a reforma agrária, a burocratização e o aumento do Estado). O desenvolvimento era vinculado apenas ao liberalismo, aquele praticado pelos EUA. E, usando das diversas temáticas Neto expunha as desvantagens do socialismo frente ao liberalismo.

Os Estados Unidos, com o fim da Guerra, mudaram a temática o tom de sua fala com a América Latina, neste caso analisado, o Brasil em específico. Deixaram a construção da figura do estadunidense amigo e próximo do latino (o *goodfella*), para demonizar o regime socialista que se intensificava e ganhava seguidores mundo a fora. Então, mesmo com a diminuição de recursos, fechamento de órgãos responsáveis por esse diálogo, continuou-se a propaganda em prol dos Estados Unidos e seu sistema político utilizando-se das experiências conquistadas anteriormente com *office* de Rockefeller.

2. A PRODUÇÃO, O CONSUMO E A ECONOMIA

Uma análise econômica do pós-guerra

A ameaça comunista irá ditar o rumo da sociedade de consumo dos Estados Unidos no pós-guerra. O discurso emente de uma grande ameaça bolchevique fez com que se mantivesse o mesmo ritmo econômico que durante o conflito guerra. E o crescimento a qualquer custo sempre norteou e norteia a política econômica dos Estados Unidos.

Galbraith (1972) traz o conceito de sociedade afluente, que nada mais é que a organização da sociedade formada imediatamente no pós-guerra seguindo as convicções *keynesianas* e o ressurgimento de um forte mercado para dar conta da crescente demanda de consumo que irá ditar o *American Way of Life*. Isso tudo ocorre após as expansões das cidades, trazendo os trabalhadores, anteriormente camponeses, para servirem de mão de obra e suprirem a ascendente demanda. E, foram ainda esses mesmos trabalhadores, essa mão de obra pouca especializada, recém-chegada²⁹ à cidade, os mais atingidos, que tomaram as ruas e participaram dos movimentos trabalhistas no período da grande crise de 29, tratada anteriormente.

Nova organização econômica

No liberalismo econômico pré-Crise de 1929, eram basicamente as grandes corporações quem comandavam os Estados Unidos. Na prática, elas, juntas, formavam um grupo coeso e seus interesses (tanto econômicos, quanto políticos) eram atendidos quase que em totalidade. Por meio de seus dirigentes, os Morgan, Rockefeller, Hill, Harriman e Hearst³⁰, faziam-se serem ouvidos e respeitados e acabavam ditando o ritmo da economia frente ao governo. Tanto é verdade que houve grande resistência por parte da indústria siderurgia estadunidense em fornecer tecnologia e maquinário para Brasil sem o retorno garantido do lucro. “Os homens lutam pelo que é importante para eles, e o homem de negócios, [...], bater-se-á vigorosamente por um sistema de valores que destaca a importância da produção. [...] o papel vital da produção” (Idem, p. 180, 1972).

²⁹ Em alguns casos, esses trabalhadores eram filhos dos responsáveis pelo êxodo e outras vezes eram provenientes do estrangeiro.

³⁰ No auge da força econômica das multinacionais norte-americanas, no ano de 1969, foi produzido aproximadamente 140 bilhões de dólares, na prática montante inferior somente ao PIB de duas nações, EUA e a União Soviética. (GILPIN, 2002)

As multinacionais seguem uma forma de produção padronizada, fabricam em larga escala visando o baixar os custos de produção e conseqüente alcançarem sempre maiores lucros rumo a constantes expansões. Uma das características que lhe dá tanto poder é o fato de pouca, ou mesmo, a ausência de concorrentes de peso no setor. Pois para aquelas poucas que alcançaram o sucesso, uma dezena de milhares fracassou e foi engolida pelas grandes corporações. Ela se sustenta basicamente na derrota das pequenas empresas (Gilpin, 2002).

Assim sendo, o sistema claramente beneficia os que produzem, e conseguem lucrar, transformando-os nos verdadeiros soberanos. Então, quando ocorre uma aliança entre os empresários, essa aliança ganha poderes quase que irrestritos sob o sistema, e, sobrepujar essa ordem é, evidentemente, uma tarefa árdua.

Ao tentar analisar o motivo desse espírito inovador e inventivo norteador da expansão econômica dos Estados Unidos da América, depara-se com uma série de atributos os quais podemos destacar como responsáveis por esse sucesso. Mas, o que mais nos chama a atenção é a grande capacidade de renovação constantemente apresentada nas mais diversas áreas do conhecimento.

Nos Estados Unidos, ainda em maior relevância quando comparado a outros países do mundo, o desenvolvimento está diretamente atrelado à produção. Por exemplo, quando ouvimos por parte de algum líder econômico acerca do sucesso econômico do país naquele ano em específico, não está se referindo à diminuição das pessoas que passam fome, ou mesmo que deixaram a margem da sociedade para adquirir uma capacidade de lutar em condições mais iguais por uma vida melhor (Galbraith, 1972).

Quando se ouve sobre o alcance de um ano melhor, está se referindo única e exclusivamente acerca do êxito econômico geral daquele período. O capital gerado foi maior naquele espaço de tempo. Isso em parte explica-se em decorrência da associação de que o consumo traz e possibilita uma maior qualidade de vida para os que o fazem. O consumo se dá de forma exacerbada, consome-se muitas vezes para preencher frustrações psicológicas deixadas e potencializadas pelo simples ato de não consumir, ou seja, o de estar fora da forma social padronizada. Ao aceitar essa imposição, acaba por se tornar verdadeiras marionetes, sendo os ventríloquos, os grandes publicitários.

Ser taxado de bem-sucedido na atual conjectura é ter um carro novo, uma casa bem equipada tecnologicamente falando, e o que de mais recente tecnologia o dinheiro puder comprar. Mas, ser bem-sucedido é algo totalmente relativo, devia, a princípio, estar mais ligado a realização pessoal e o quão feliz se é em determinado cargo, função, profissão, com a família ao invés de diretamente ligado ao quanto se pode consumir com seu salário.

Sempre se está em busca de melhores condições financeiras, melhores empregos, melhores salários, promoções etc. A condição financeira é quem dita a qualidade de vida a qual se leva, algo também relativo, o quão seguro se está no meio da sociedade, onde se mora, a capacidade de ter um plano de saúde bom, morar num condomínio com seguranças, se há condições de ter comida na mesa, dentre outros fatores. Mas o que efetivamente está com o controle é a capacidade de gastar, o ganhar mais é menos controlável e raramente dá-se conta disso.

O sistema força a insatisfação com algo e o desagrado em relação a qualquer item (que se tornou obsoleto, pois houve o lançamento de um novo modelo, com, muitas vezes, um mínimo de melhoria). Numa velocidade cada vez maior, mesmo sua funcionalidade primordial ainda estando 100% intacta, ocorre esse processo. Cada vez mais, as sociedades capitalistas modernas concentram sua capacidade na de produção desses bens de consumo de rápida obsolescência, pois são eles que geram lucros exorbitantes. Eles dominam a era da tecnologia, levam tecnologias padronizadas, fabricadas em larga escala, muitas vezes provenientes dos países asiáticos e pelos EUA, num mercado muito restrito³¹. A manutenção desse grau de consumo sempre elevado é o fator por trás do sucesso de economias como a dos Estados Unidos da América, no qual, todos podem, com esforço, consumir, e consumir muito, para assim serem vistos pelos seus semelhantes como bem-sucedidos economicamente.

Nos Estados Unidos é muito forte a ideia de que se é possível vencer na vida. Essa possibilidade está ao alcance de qualquer estadunidense médio, basta apenas desejo, esforço pessoal e trabalho duro. O *American Dream* é algo tangível a todos, e é assim pregado por todos os meios, já fazendo parte do ideário do cidadão comum (Moura, 1984).

Mas, recentemente, com a vida de forma mais dinâmica e a inserção quase diária das mídias e as redes sociais em nosso meio, essas necessidades de se seguir um padrão consumista tido como correto, o padrão do sucesso, só se intensificou. E, ao não se alcançar ou mesmo não encaixar-se nesse padrão, gera um sentimento de enorme frustração. Ou seja, fica-se frustrado quando não se encaixa nessa forma de vida e, também, e mesmo tentando segui-lo, não se consegue por conta do preço, no sentido literal, que se tem a pagar.

Na condição de sociedade moderna e digital, ao ser bombardeado pelas teorias consumistas feitas para criar um sentimento incondicional de desejo com determinados

³¹ “A estratégia da multinacional integrada verticalmente consiste em distribuir as várias fases da sua produção em diferentes pontos do globo. Uma motivação básica do investimento externo direto é aproveitar os custos de produção mais baixos, os benefícios fiscais obtidos de diferentes países e, especialmente no caso das firmas norte-americanas, tarifas locais que estimulem a produção de componentes no exterior”. (Idem, p. 264, 2002).

produtos e ao se consumir nota-se que logo passa aquela euforia inicial e o verdadeiro significado se revela, trata-se de um desejo imposto. Segundo Gailbraith (p. 170, 1972), “para serem urgentes, as necessidades do indivíduo devem partir dele próprio” e, assim, a sociedade é coibida a desejar e consumir de forma coesa, fortalecendo assim uma indústria para as massas. A produção em massa de itens supérfluos foi criada como uma forma de suprir uma necessidade a qual ela mesma criou e agora se sustenta. Sem isso, ela não teria a força e importância atual quando jogada na balança dos gastos tidos como mais relevantes (saúde, educação e alimentação).

Outra prova de que essas necessidades fantasiadas pelo sistema não são reais, e sim artificiais está no

[...] fato de as necessidades poderem ser criadas pela publicidade, catalisadas pela técnica de vendas e formadas pelas manipulações discretas dos persuasores mostra que elas não realmente muito urgentes. Um homem que sente fome não precisa nunca que lhe digam que necessita de comida (Ibidem, p. 175, 1972).

Sendo assim, uma sociedade afluyente bem equilibrada produz e consome nas mesmas proporções, mas há de se ressaltar a necessidade de um consumo sempre crescente para o capitalismo continuar em ritmos constantes de crescimento, só assim atinge-se equilíbrio buscado pela economia.

Aumento do consumo

Nos últimos 100 anos, o consumo aumentou vertiginosamente, e, aliado a isso, o preço das coisas³² despencou em decorrência do barateamento da mão de obra quase escrava proveniente da Ásia, em muitos casos. Mas, quando se nota onde se deu esse aumento de consumo, chama a atenção o curioso movimento seguido. Por exemplo, segundo dados do periódico estadunidense *The Atlantic*, o consumo médio do cidadão americano caiu para algo próximo a 25% do que era gasto há 100 anos com alimentação e passou a ser gasto em comprar itens, mobiliário, equipar as casas, planos de saúde e por último, entretenimento³³. Seguem abaixo os gráficos responsáveis por apresentar essa migração:

³² A utilização da palavra “coisa” aparece como forma de generalizar tudo que o fruto de uma inventividade em grandes casos um pouco mais prática e um tanto quanto desnecessária, mas ao qual somos levados a comprar mesmo que formos usá-la raríssimas vezes.

³³ THOMPSON, Derek. How America Spends Money: 100 Years in the Life of the Family Budget. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/business/archive/2012/04/how-america-spends-money-100-years-in-the-life-of-the-family-budget/255475/>> Acesso em: 20 set 2018.

1900

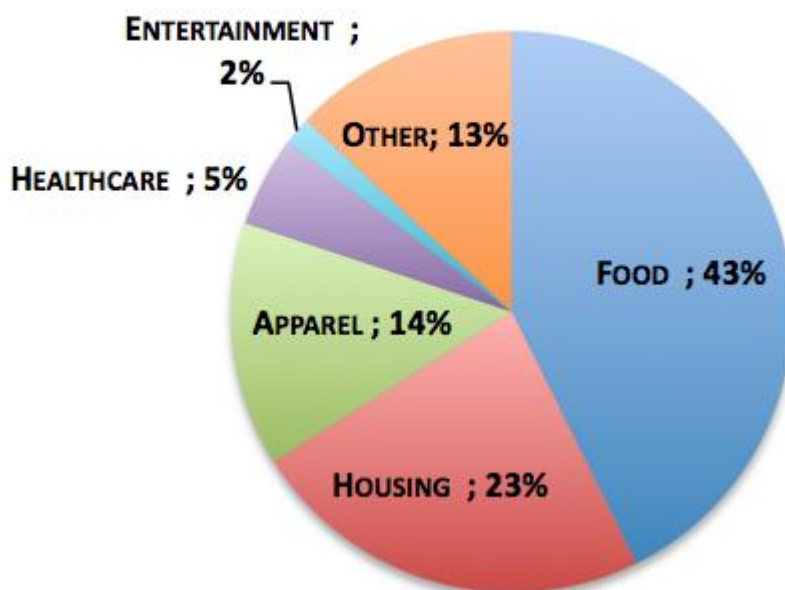


Gráfico de como as famílias estadunidense no ano de 1900 gastavam seus rendimentos. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/business/archive/2012/04/how-america-spends-money-100-years-in-the-life-of-the-family-budget/255475/>>. Acesso em: 15 set 2018.

Há de se reparar a enorme parcela dos ganhos ao qual era destinada para as categorias de comida, 43%; casa, 23% e vestimentas, 14%. Mas, os EUA na virada do século XIX para o XX, eram um país com algo próximo a 76 milhões de habitantes, ainda pouco industrializado, e que não havia ainda tomado hegemonia econômica mundial para si, portanto, muito menos rico. As famílias também seguiam outro padrão, eram maiores, os filhos tendiam a crescer e ajudar seus pais no campo, ou mesmo, seguiam a mesma profissão. Apenas 1/12 das famílias contavam com gás ou energia elétrica, 1/20 contava com telefone, 1/19 tinha um automóvel e, claro, nenhum lar contava com televisor³⁴. Ou seja, era outro país, pois, as grandes guinadas econômicas responsáveis por transformar os EUA no país de hoje ainda estavam por vir.

³⁴ THOMPSON, Derek. How America Spends Money: 100 Years in the Life of the Family Budget Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/business/archive/2012/04/how-america-spends-money-100-years-in-the-life-of-the-family-budget/255475/>>. Acesso em: 20 set 2018.

1950

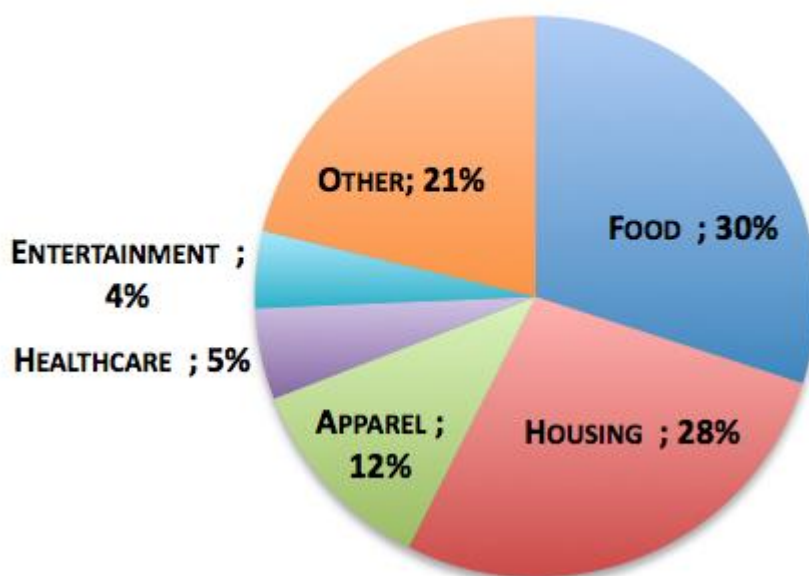


Gráfico de como as famílias estadunidense no ano de 1950 gastavam seus rendimentos. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/business/archive/2012/04/how-america-spends-money-100-years-in-the-life-of-the-family-budget/255475/>>. Acesso em: 15 set 2018.

Já na década de 50, com algo em torno de 150 milhões de habitantes (o número dobrou em 50 anos) o país passou pela Grande Guerra, beneficiou-se disso e se encontrava já, de certa forma, bem familiarizada com a ideia de sociedade de consumo, estando já totalmente disseminado o *American Way of Life*. Reparamos uma queda de aproximadamente 1/3 nos gastos com a alimentação³⁵, a subida ainda tímida dos gastos com a casa e o quase dobrar de porcentagem do consumo de outros itens. Mas, ainda aqui, a maior parcela do gasto familiar continua indo para a alimentação.

³⁵ A comida teve seu preço barateado muito em decorrência da menor mão de obra necessária no cultivo, já que a força de trabalho braçal ganhou tratores e demais tecnologias em seu auxílio. Esse movimento da diminuição dos gastos com a comida em um momento posterior pode estar aliado à má alimentação e ao ato de as pessoas comerem barato e mal fora de casa, nos *fast foods*. Mas estritamente, ainda na década de 50, não é o que está ocorrendo.

2003

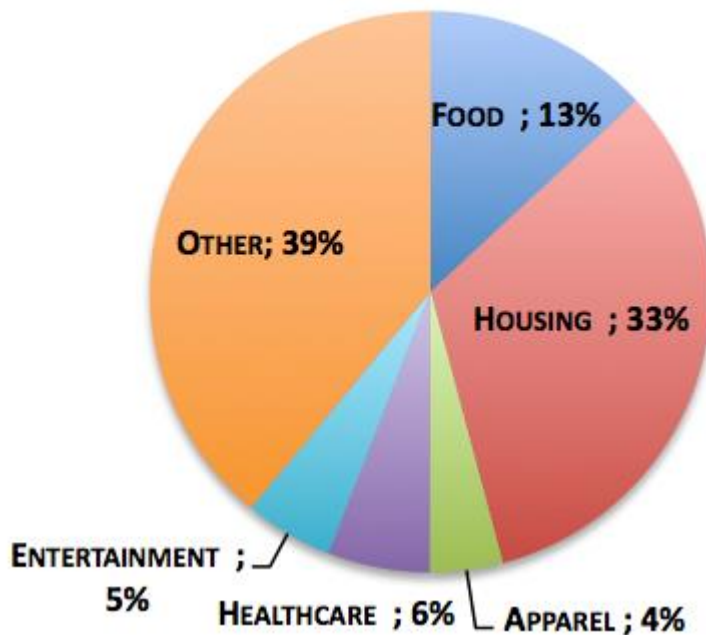


Gráfico de como as famílias estadunidense no ano de 2003 gastavam seus rendimentos. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/business/archive/2012/04/how-america-spends-money-100-years-in-the-life-of-the-family-budget/255475/>>. Acesso em: 15 set 2018.

Nos anos 2000 ocorrem mudanças abruptas quando se comparado aos padrões de meio século e um século atrás. Aquilo que anteriormente ocupava algo próximo a 60% do gasto familiar, a alimentação e a vestimenta, agora encontram-se somadas com o número de 17%. Muito dessa diminuição está, como já afirmamos anteriormente, numa maior eficiência, na produção e no cultivo dos alimentos, e, quando tratamos das vestimentas, está ligada ao barateamento da produção desses itens quando terceirizada com a mão de obra similar à escrava disponível em larga escala em países como China, Vietnã, Coreia, Índia, entre outros. A capacidade de adquirir bens que demandam uma atenção com manutenção ou mesmo gastos frequentes, como combustível, fez com que inflasse a seção de outros gastos. Nessa parte, entram diversos gastos, como combustível, impostos e gastos recém-chegados e trazidos com o desenvolvimento natural da sociedade.

O sucesso está diretamente ligado à sua capacidade de consumir, a de mostrar para os demais a capacidade e de se manter sempre atualizado, no ritmo das inovações (algo por sinal frenético). Junto com o consumo sistematizado e coletivo surgido em maior grau nos Estados Unidos, mais precisamente, a partir do momento em que os produtos passam a ser produzidos em massa, intensifica-se a forma com a qual é ditado o que deve ser consumido. A

publicidade intensifica-se e passa por um processo de formalização. Em *MadMen*, série na qual são retratadas as décadas de 50 e 60 nos EUA, é apresentada o grande *boom* de consumo ao que a publicidade ajudou a criar e traços destes aspectos aqui tratados. Aqueles que se negam a buscar o sucesso segundo dos moldes tradicionais impostos pela sociedade, mesmo sendo o sucesso subjetivo, como já afirmado, são tidos como loucos ou mesmo radicais. Exemplo disso foi o relato da vida de Christopher McCandless, que abandona tudo e sai numa jornada de descobrimento, exercendo total desapego, até mesmo sem o dinheiro, pois havia doado todas suas economias para entidades sociais e viveu num modo de vida minimalista, conseguindo alcançar a felicidade segundo relata o livro “Na Natureza Selvagem”, de Jon Krakauer.

Se pudesse resumir o modo de vida americano que tivemos contato ao longo desses anos, poderia resumi-lo neste trecho de Galbraith (p. 36, 1972):

“a pobreza era um fato comum em todo o mundo, mas, obviamente, não nos atingia. Não seria de esperar que as preocupações de um mundo coberto de pobreza fossem relevantes para um país em que o indivíduo comum tem acesso a coisas agradáveis - comidas, diversão, transporte pessoal e canalização - que há um século nem os ricos podiam ter. A mudança foi tão grande que muitos dos desejos do indivíduo não são mais evidentes nem para ele próprio. Eles tornaram-se evidentes só quando sintetizados, elaborados e alimentados pela propaganda e pela técnica de vendas, que, por sua vez, se situam hoje entre as mais importantes profissões e que requerem mais talento. Poucas pessoas no início do século XIX necessitaram que alguém lhes dissesse do que precisavam.” (Ibidem, P. 36, 1972).

Basicamente, ocorre uma troca de valores em função de um bem maior (no julgamento dos cidadãos) que é a praticidade alcançada pelos objetos e tecnologias disponíveis e, de certa forma, acessíveis a todos os trabalhadores.

Consequências e posteriores ações

Mais tarde, já na década de 70, era reconhecido pelo então presidente Jimmy Carter, o problema que havia sido criado pela crescente demanda e o consumo desenfreado que eles mesmos criaram³⁶. Esse problema explicitou a crise de produção responsável por mais tarde trazer à tona a Crise da década de 70. O crescente anseio em consumir, cada vez mais e de forma também cada vez mais frequente, fez a capacidade de produção se desdobrar para atender a demanda sem seguir parâmetros, muitas vezes necessários, para gerar menores impactos ecológicos energéticos. O preço desse grande desenvolvimento está diretamente

³⁶ Discurso do Presidente Jimmy Carter. President Carter Address on Crisis of Confidence. Disponível em: <<https://www.c-span.org/video/?153917-1/president-carter-address-crisis-confidence>>. Acesso em: 23 set 18.

ligado ao impacto ecológico causado pelo país. Dos cinco maiores poluidores do mundo³⁷, três estão nas primeiras colocações de maiores PIB do mundo, sendo eles EUA, China e Japão³⁸.

Mais recentemente, com essa recém-adquirida consciência de maior afastamento da indústria em larga escala (tanto em busca de uma maior qualidade, quanto para fortalecer o pequeno produtor e comércio local) por parte ainda de uma minoria. Tentando voltar aos moldes de outrora, onde a produção local e em menor escala estava diretamente ligada à maior qualidade. As produções provenientes de pequenos produtores, a agricultura familiar, ou mesmo as manufaturadas, detentoras de selos de qualidade que as distinguem, ou *Handmades* como queira chamar, retornaram com força ultimamente.

³⁷ SÁ, Pedro. Os 5 países mais poluentes do mundo. Disponível em: <<https://www.soscuriosidades.com/os-5-paises-mais-poluente-do-mundo/>>. Acesso em: 30 set 2018.

³⁸ As 15 maiores economias do mundo. Disponível em: <<http://www.funag.gov.br/ipri/index.php/o-ipri/47-estatisticas/94-as-15-maiores-economias-do-mundo-em-pib-e-pib-ppp>>. Acesso em: 30 set 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do Brasil com os Estados Unidos, na primeira metade do século XX, foi uma via de mão dupla, na qual o Brasil conseguiu, mesmo que em muito menor proporção, tirar um mínimo de proveito. Muito disso deve-se aos posicionamentos tomados pelos governos brasileiros, em destaque o de Vargas. Aliada a essas conquistas está a chegada gradativa do modo de vida da sociedade estadunidense no Brasil. Após esse período de forte bombardeio comandado pelo *Office* de Rockefeller, passou-se a consumir refrigerantes ao invés do abundante suco de frutas, a sonhar com um automóvel *Ford*, a mascar *chiclets*, a tomar o sorvete industrializado da *Kibon*, enfim, a vida foi totalmente mudada num curto período de tempo. Não se pode ousar em afirmar que aqui se deu um processo de modernização, pode até ter ocorrido, mas o curso foi a substituição pregada de uma identidade nova aos latinos, algo muito bem aceito pelos brasileiros.

Não é necessário aqui o ato de, em vão, tentar negar o sistema, ou mesmo a sua influência. Não foi esse o objetivo, pelo contrário, foi apenas de mapear o comportamento estadunidense e sua contribuição para o modelo de Brasil atual e como muito da forma brasileira de ser atual está relacionada com o modelo americano.

Como visto, os EUA fizeram de tudo também para manter a indústria estimulada pelo medo de um eminente conflito e, assim, manter a produção e o consumo nos altos padrões de alcançados anteriormente em decorrência de uma demanda pontual ocasionada pela Guerra. Era sabido que a paz não era vantajosa economicamente falando, assim, a qualquer custo se manteria o posicionamento, mesmo sendo necessário o uso de argumentos fantasiosos para fazer o povo manter o padrão comportamental e consumista.

A conhecida sentença: Você é o que você consome, ou mesmo, o que você pode consumir, nunca fez tanto sentido quanto faz hoje na sociedade capitalista moderna.

A busca incessante pela melhor qualidade de vida, faz o povo fechar os olhos para fatores que outrora eram mais relevantes. O ritmo da sociedade afluenta é o mesmo ritmo da produção dos Estados Unidos, ou seja, um ritmo frenético sempre em busca de aumentar a produção, o desejo e, por último, o consumo.

De certo modo, pode-se afirmar que a nação brasileira vive numa sociedade também afluenta, ou mesmo quase majoritariamente afluenta, pois, foi por muitos anos, bombardeados com o modo de vida americano, e grande parte do mundo também, hoje vive-se quase numa sucursal aos moldes dos EUA. Mesmo não se tendo uma qualidade de vida,

condição financeira e condições de lazer próximas a vida possível no sistema estadunidense, luta-se para se aproximar ao máximo, mesmo que para isso haja um gasto consideravelmente maior. Por exemplo, para consumir o último modelo do *Iphone XS*, recém-lançado no Brasil, é necessário desembolsar algo em torno de 10 salários mínimos. Já em solo estadunidense, esse mesmo item custa U\$ 1099.00 dólares, pouco menos do valor mínimo pago por lá³⁹.

³⁹ Levando-se em consideração o valor médio da hora trabalhada mínima em solo estadunidense. E, também, sem levar em consideração o alto valor tributário exercido pelo Brasil para desestimular a importação e fortalecer o mercado local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1973.
- CUNHA, Ioneida Cavalcanti da. **Ideologia e Propaganda na cooperação Brasil – Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial**: O caso das empresas aéreas. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FIORI, José Luís. **O Poder Americano**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1995.
- GALBRAITH, John Kenneth. **A Sociedade Afluente**. Tradução Jaime Monteiro; revisão técnica Maria José Monteiro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.
- GILPIN, Robert. **A Economia Política das Relações Internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JOHNSON, Paul. **A History of the American People**. New York: Harper Perennial, 1999.
- KARNAL, Leandro; PURDY, et al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XX. São Paulo: Contexto, 2007.
- MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: A penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- TOTA, Antônio Pedro. **Cultura e Dominação**: Relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos durante a Guerra Fria. São Paulo: Perspectivas, 2005.
- TOTA, _____. **Imperialismo Sedutor**: A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TOTA, _____. **Os Americanos**. São Paulo: Contexto, 2013.
- ZINN, Howard. **La otra historia de los Estados Unidos** (desde 1492 hasta hoy). – Hondarribia, España: Hiru, 2005.